

O CONCEITO DE AMOR NA DETERMINAÇÃO HEGELIANA DE ARTE ROMÂNTICA¹

Dra. Claudia Mélica (Trento)²

Resumo

A religião recebe tratamento cuidadoso e denso no sistema filosófico hegeliano, pois como o próprio Hegel afirma a religião é momento da vida das pessoas e se encontra consagrado na história da humanidade enquanto pensamento e prática instituídos. Mesmo que a religião não seja para Hegel o estágio final da realização maior e máxima do Espírito na história, pois tal realização somente se dá de forma plena na filosofia, Hegel salienta os avanços do espírito no momento da religião em relação à arte que seria superada pela religião. O superar em sentido hegeliano exige o reconhecimento do que ficaria para trás, mas que ao ser assumido como precedente passa a constituir condição necessária para o posterior. Nesse sentido o presente texto considera as relações entre a arte, em especial a arte romântica, e a religião cristã através do tema do amor. A arte romântica é a expressão determinada sensível do amor divino em suas diversas formas artísticas que permitem que uma tal realidade possa ser experimentada e contemplada.

Palavras-chave: história, imanência, transcendência

Introdução

Numa passagem da “Fenomenologia do Espírito” num parágrafo final sobre a “Religião Revelada” Hegel faz uso da metáfora de uma composição familiar para ilustrar algumas teses como o conceito de amor e a falta de reconciliação da comunidade com o absoluto. Ele escreve que: “Como o homem divino singular tem um pai em-si-essente, e somente uma mãe efetiva, assim o homem divino universal – a comunidade – tem por seu pai o próprio agir e saber, e, por sua mãe, o amor eterno que apenas sente, mas que não contempla em sua consciência como objeto imediato efetivo.”(Hegel. 2005, p. 528-9) Aqui serão apresentados temas do pensamento hegeliano que do texto da Fenomenologia até os escritos do período de Berlin serão desenvolvidos e dos quais pelo menos dois devem ser considerados atentamente, ou seja, o conceito de comunidade e a relação entre os sujeitos no contexto de uma relação de amor. Em primeiro lugar considera-se em Hegel o momento marcante da comunidade que será conhecido na Fenomenologia como o homem divino universal, comunidade esta que se funda a partir da interdependência entre a individualidade do sujeito divino singular (Cristo) e a universalidade do espírito na comunidade dos crentes,

¹ O presente texto foi traduzido do alemão cujo título original é “Der Begriff der Liebe in Hegels Bestimmung der romantischen Kunst”, por Pedro Geraldo Aparecido Novelli e foi publicado em “Zwischen Philosophie und Kunstgeschichte, hrsg. A. Gethmann-Siefert und B. Collenberg-Plotnikov, Wilhelm Fink Verlag, München 2008, pp. 269-279.

² Universidade Sapienza, Roma, Itália.

passando pelo avançar da consciência que o homem tem de si em relação à autoconsciência que o espírito tem de si no interior da comunidade. Aqui se expressa a interdependência entre o Deus que se revela a si por seu filho e seu tornar-se conhecido na comunidade dos crentes (a Igreja) que efetiva com ele a comunhão por meio do culto.

A citação da Fenomenologia refere-se então à relação de amor entre filho, pai e mãe e por isso evoca a relação com um outro, uma relação entre sujeitos, que, sendo cada um, um outro, a relação de alteridade se realiza também na interioridade de cada um desses outros. O jovem Hegel já havia apontado que o amor entre os homens é o de encontrar-se a si mesmo num outro. A religião intensa assim como o amor (ágape) compreendido a partir do conceito joanino de que “Deus é amor” vai de encontro a algumas teses hegelianas que já estão presentes no escrito “O espírito do cristianismo e seu destino” e em escritos posteriores das “Lições sobre a filosofia da religião” de 1821 e nas “Lições sobre a filosofia da arte de 1823. O aspecto da relação mencionado nas “Lições sobre religião e arte” em 1823 que é exemplificada tanto na arte romântica quanto na pintura cristã, o amor aparece na linha que une as subjetividades da arte romântica e da religião cristã.

Seria necessário entender em seguida o conceito de amor como conteúdo da comunidade divina assim também como a arte romântica esclarece a religião cristã. Nesse sentido é necessário ter claro o que se entende pelo modo da arte romântica para que o conteúdo divino propriamente dito possa ser trazido à consciência, conteúdo esse que é o amor eterno de Deus manifestado pela morte de seu filho. O amor divino pode ser reconhecido em formas sensíveis e visíveis na pintura cristã em diferentes modos que é uma forma particular da arte romântica nas considerações das Lições sobre a Filosofia da Religião. A pintura mostra, por um lado, figuras não belas que evocam o sofrimento de Cristo e que têm como fim inspirar a comunidade para torná-la consciente e participativa no culto do conteúdo divino universal. As pinturas se referem aos sofrimentos de Cristo com os homens até a morte e, assim, ao amor mais elevado de Deus que oferece seu próprio filho de modo que os homens possam acreditar ter a vida eterna. Por outro lado, por meio dos belos quadros de Maria e seu amor maternal pelo seu filho, representam tanto o lado humano do amor divino com o amor filial efetivo como também a bela natureza do amor divino. Se o fim não é propriamente a beleza das obras artísticas, então os próprios sujeitos não belos da pintura cristã parecem não representar, para Hegel, nenhum problema para o culto na comunidade dos crentes. Daí, surge outras questões como o tema das relações da arte romântica com a religião cristã pelo culto em geral e, então, no particular a relação da pintura cristã com o lugar do culto ou com a comunidade (a Igreja).

A relação entre as Lições sobre a Filosofia da Arte e as Lições sobre a Filosofia da Religião

As “Lições sobre a Filosofia da Arte” (1823) desenvolvem o conteúdo do tema da ligação entre o divino e a obra de arte. Nessas Lições a obra de arte não é somente em geral o lugar da aparição do divino, mas também o esforço de representar na pintura Deus como espírito, para o que somente a pintura cristã da arte romântica parece ser capaz. A arte tem como finalidade a essência divina por meio da pintura ou pela consciência humana que parece trazer o divino à consciência. A arte tem por fim conduzir a essência divina à consciência por meio de imagens ou por mediações da consciência humana nas quais o divino aparece. Tal fim a arte tem em comum com a religião, a filosofia e também a história. A arte deve partilhar assim um conteúdo espiritual e pensado com a religião e a filosofia, o qual ela expressa numa forma sensível e visível. Esse conteúdo pensado não é o Deus individual grego, senão o Deus concreto que não é somente um mero sujeito, senão que é essencialmente o espírito e deve ser sabido no espírito como espírito. Ele é um Deus “apreendido como pessoa em sua determinação, espírito que em si é trinitário”.(Hegel. 1998, p. 33).

Entre as formas artísticas que melhor representam o conteúdo espiritual que em si se elevam ao espírito livre está a arte romântica, que tem sua realidade em seu interior. Pela arte romântica a interioridade se realiza em si, pois ela é a consciência de Deus no sujeito, o local no qual Deus sabe de si e aparece na interioridade da forma humana subjetiva. O conteúdo da arte romântica é Deus encarnado naquele indivíduo, que é Cristo. É o Deus manifestado numa forma humana concreta que nas “Lições sobre a Filosofia da Arte” (1823) se liga à arte romântica e à história da vida de Cristo. É a encarnação que se manifesta na arte romântica. Numa parte geral das referidas lições, Hegel fala de uma tríplice arte do saber de si de Deus na forma humana. Primeiramente Deus revela sua interioridade absoluta na imediatez interior do sujeito, isto é, o homem deixa que Deus se manifeste nele, a história da vida de Cristo. Esse processo tem início, segundo Hegel, com Deus que se dirige ao homem e mostra que desde o começo ele se encontra reconciliado com a humanidade. Daí, segue-se “(...) o começo da figura humana está no próprio Deus”.(Hegel. 1998, p. 181). Então, na tentativa de conhecer a Deus, o sujeito procede segundo uma elevação que vai do finito ao infinito, pela da negação do finito. A um tal desenvolvimento espiritual pertence um sofrimento pelo qual o homem se sente como um nada e oferece sua subjetividade para se elevar a Deus. Finalmente, o terceiro aspecto é pela relação do homem com o divino na arte romântica uma negativa convicção do finito, no mundano, a completa exteriorização e autonomia do sujeito espiritual.

Pelas três subdivisões na divisão da arte romântica somente as duas primeiras partes têm especial interesse para a religião cristã. Hegel denomina essa parte de “círculo religioso” e “círculo mundano”. Na primeira parte o fim é ligar a arte romântica com a representação da essencialidade, ou seja, uma resolução com a história objetiva. Com a segunda parte, ao contrário, no círculo mundano, analisa-se como o homem finito será elevado da mundanidade a Deus. A revelação cristã do amor a Deus, que se dá pela morte de Cristo, é, por isso, o tema dominante do círculo religioso na arte romântica. Deve-se também destacar como o conceito de amor em ambos os círculos, religioso e mundano, é construído com diferentes significados dos objetos comuns da arte romântica e da religião cristã, mesmo que o amor nessa parte das “Lições sobre a Filosofia da Arte” não seja sempre o amor cristão. Hegel entende sobre amor na arte romântica o princípio que a interioridade do sujeito sustenta que não se liga a um corpo que é necessário que apareça, mas que se encontra em relação com um outro ser espiritual. Essa ligação de amor assume pela arte romântica um aspecto, pelo qual somente na relação a esse outro “(...) a alma vive na ligação consigo mesma”.(Hegel. 1998, p.186) A definição de amor como “ a vida em si num outro” se refere de um lado ao já citado escrito do período juvenil “O espírito do cristianismo e seu destino” que será mais desenvolvido nas Lições.

Pela reintrodução do tema do amor nas “Lições sobre a filosofia da arte”, mas também pelo seu tratamento em outras direções, Hegel sugere, pelos círculos religioso e mundano, uma série de possibilidades da arte romântica em relação à religião cristã com base num significado diferente, que o conceito de amor por vezes assume. Na esfera religiosa da arte romântica serão representados dois tipos de experiência de amor das quais uma vez ainda será subdividida. Por um lado, temos a vida de Cristo e por outro lado a simples repetição do divino na vida humana. Hegel reconhece somente para a primeira um significado positivo. Diz respeito ao encontro da representação da história de Cristo como história de sua vida (sofrimento, morte, elevação ao pai) com o primeiro momento do círculo religioso da arte romântica. A primeira fase da arte romântica relaciona-se para além de um momento particular da história divina, a redenção. A razão para esse encontro é fácil de esclarecer pelo significado cristão na primeira carta de João que Hegel parece novamente tomar. Ele indica aqui, como em outros trabalhos e Lições, a compreensão de religião como amor de Deus revelado. Segundo o Evangelho de João, Deus enviou seu filho a nós para salvar-nos de nossos pecados e para por meio dele obtermos a vida eterna. Sob esse fundamento a morte salvadora de Cristo é, para Hegel, parte da história divina que ao final se reconcilia consigo mesma; na medida em que Deus se tornou homem, a dor infinita termina por meio da morte

de seu filho, porém o fim, é a salvação do mundo pela morte de Cristo, e aí ele testemunha seu amor eterno. O conteúdo, que por isso a arte romântica representa, é também o amor infinito de Deus.

O amor na arte e na religião

Em todo caso, existe em outro círculo mundano da arte romântica uma área que se relaciona por excelência com a reconciliação entre o divino e o mundano: a comunidade. Embora uma outra definição negativa completa de amor possa surgir, ou seja, o amor sofredor, a dedicação da consciência subjetiva a um outro, o casual saber-se na consciência do outro, que nem é o amor ético, que surge da família, nem o amor cristão. Em seguida Hegel não oferece nenhuma relação direta entre os homens “(...) senão que eles se unem na fé, na comunidade, a um terceiro”(Hegel 1998, p.190) Ao contrário do que ele oferece no “Espírito do cristianismo e seu destino”, sobre o conceito de amor, Hegel julga agora que o homem não se vê diretamente ou “(..) se espelha num outro”(Hegel 1966, p.377), senão que ele também se encontra com outro num terceiro.. Desse modo tem o reino de Deus “(..) obtido espaço no mundo e ingressado na realidade”.(Hegel 1998, p.190) O amor, que é uma intuição do aparecer de si em si no ser do sujeito em outro, que na arte romântica existe, permitiria também um conhecimento mediado entre homem e Deus no espaço da comunidade religiosa. Conforme dito, Deus seria entendido como espírito e, por isso, o reino do espírito se realiza de alguma forma.

Essa relação com a comunidade em conjunto com a arte romântica ficará clara na medida em que se considera uma forma particular de arte a pintura cristã. A comunidade (ou Igreja) é, de fato, o lugar onde a pintura da antiguidade cristã pode melhor representar o divino e o amor cristão como conteúdo. A pintura romântica ou cristã coincide com a subdivisão sugerida por Hegel; é o primeiro momento do círculo religioso e diz respeito à história da vida de Cristo e em particular ao momento da redenção. Não é característico da pintura a produção de “determinada intuição de Deus”, senão “apresentações indeterminadas, que caem na sensibilidade”(Hegel 1998, p.249). É antes de tudo à sensibilidade que a pintura se relaciona, pois por ela o objeto é universal e, em seu íntimo o sujeito se entende como algo particular. Quanto mais a investigação avança tanto mais ficará claro que a filosofia hegeliana da arte não é nem uma mera estética do sentir nem de um exterior sensível ou natural e que o significado da sensibilidade e da intuição, enquanto dimensões, são ligadas com a interioridade do sujeito.

A superação da arte na religião: uma lição das Lições

Em relação ao conceito de religião nas “Lições sobre a Filosofia da Religião” (1821) alguns temas análogos serão analisados que também serão afirmados nas “Lições sobre a Filosofia da Arte”(1823). Pela exposição do conceito científico do ponto de vista religioso, Hegel o apresenta dividido em duas partes na universalidade absoluta e que é o puro pensamento, de um lado, e na singularidade absoluta ou sensibilidade, por outro lado. Se a religião como “a consciência do verdadeiro em si e por si”(Hegel 1983, p.113) é essencialmente uma relação entre o objeto (Deus) e o sujeito consciente, o fim da representação é, então, a maneira de determinar essa relação. Hegel se aproxima da análise inicialmente do lado do sujeito pensante conhecedor que se configura como adoração e elevação ao divino. Em seguida Hegel desenvolve uma consideração sobre a sensibilidade e a conecta com a adoração. A relação entre os dois momentos se sucede no interior do sujeito, que como o eu pensante não é distinto do eu imediato do sujeito e o encontro entre a adoração e a sensibilidade não é outra coisa senão a sensibilidade religiosa ou um imediato encontrar-me em mim mesmo elevando-me ao pensamento de Deus. Nas Lições seguintes de sua “Filosofia da Religião” (1824, 1827, 1831) tais confrontos na relação religiosa entre sensibilidade e adoração serão totalmente abandonados embora tais reflexões sejam retomadas novamente nas “Lições sobre a Filosofia da Arte” de 1823. Em conexão com o que foi exposto por ele em 1821, Hegel define nas Lições sobre a Filosofia da Arte o ideal romântico da pintura como interioridade espiritual ou religiosa. “A interioridade espiritual”, para Hegel, “é a alma, que é por si, se sensibiliza”. (Hegel. 1998, p. 253.) Esse tipo de ver da alma em si não é nenhum recolher-se em si solipsístico, mas é tal que este é também um tender na direção do outro, elevar-se acima do finito na interioridade universal que é a sensibilidade religiosa. A alma que se quer na arte romântica se contrapõe a um outro por se encontrar em si e tal é a sensibilidade na substancialidade universal ou o “arrebatador amor religioso”(Hegel. 1998, p. 253.).Portanto, há um prevalecer do significado místico contemplativo e do conhecimento intuitivo da visão. Na relação imanente entre o homem e Deus que se instaura quando um pode conhecer somente se é conhecido, Hegel emprega frequentemente a metáfora “do olho espiritual” ou do “ver” e o mesmo Deus é indicado como um Deus “vidente” na forma humana.(Hegel. 1998, p. 181.) Compreende-se, então, porque entre as formas particulares de arte romântica, ele considera a pintura a arte da intuição interna. A pintura cristã, de fato, é o instrumento sensível necessário para que Deus apareça na interioridade do sujeito e possa, em consequência, ser adorado e ser em geral objeto de culto.(Dellbrügger, 1998.)

Portanto, não é de pouca importância constatar que o amor cristão não é somente um tema considerado nas obras do período juvenil e nas “Lições sobre a Filosofia da Arte”, mas também foi tratado numa outra parte dedicada à “Religião plena” das “Lições sobre a Filosofia da Religião” de 1821. Os dois diferentes cursos sobre a filosofia da religião e sobre a filosofia da arte parecem integrar-se sob o conceito de amor cristão. Se se lê algumas páginas sobre a “Religião plena” observa-se como o espaço dedicado ao amor cristão está colocado no interior do tratamento sobre a comunidade ou como do amor se gera conceitualmente a comunidade (Jaeschke. 1966, p. 304-308). No segundo momento “a representação concreta” da religião plena, Deus é concebido antes de tudo como amor eterno, depois como o criador do mundo, e finalmente, conciliado com o mundano na comunidade. Na comunidade, conciliação e reconciliação da história divina se realizam e, por conseguinte, o espírito se efetiva por meio do amor de Deus. Por tal razão Deus, como espírito, é amor, porque é intuição de si num outro, a “intuição da unidade em seu nível absoluto, a mais alta intuição do amor” (Hegel. 1998, p. 60). A manifestação da idéia divina surge para a comunidade no momento da morte de Cristo, que é também a demonstração de seu amor mais profundo. Na dor da morte está contida “a reconciliação do espírito consigo mesmo,” (Hegel. 1998, p. 60.) que é vitória sobre a morte. Triunfo sobre o negativo é, em resumo, o amor mais alto. A singularidade da idéia divina se realiza propriamente na realidade, não quando esta se torna contraposta a uma comunidade como uma multiplicidade de indivíduos, mas no momento no qual a comunidade seja concebida como unidade do espírito, cuja unidade pela qual a comunidade é autoconsciência universal real. O motivo é que os crentes singulares têm uma mesma representação da natureza divina e da humana que é amor infinito de Deus que brota da dor infinita pela morte do filho. “Cada subjetividade, sustenta Hegel, é em si universal, não fechada em si, e a relação de muitos indivíduos entre si é cada unidade da fé, na representação da fé nesse terceiro.” (Hegel. 1998, p. 74). Portanto, ter uma única representação do objeto de fé significa estabelecer uma relação entre os sujeitos de uma comunidade com base na unidade da fé. Assim, a idéia divina que ao início era amor infinito no interior da dor infinita somente em si, se torna em si e por si na comunidade, porque o espírito habita ali, e uma vez manifestado, o espírito se encontra em sua casa. O reino do espírito, então, se afirma graças à realização da redenção por obra de Cristo. O reino do espírito se cumpre na comunidade quando a ressurreição de Cristo e a vinda do espírito na comunidade já aconteceram.

Do mesmo modo, o que a comunidade parece exprimir na arte romântica das “Lições sobre a Filosofia da Arte” é o significado neotestamentário da redenção gerada pelo amor de Deus. A reafirmação por parte de Hegel do cristianismo como religião do amor e da redenção,

tem, como conseqüência, uma reafirmação do papel central desenvolvido pela ação de Cristo na realização da redenção como expressão do amor de Deus. Embora o amor expresso na arte romântica não seja ainda o amor cristão, que se reconciliou definitivamente depois da dor extrema na comunidade religiosa e da qual ao final pode surgir o reino do espírito, é, porém, daquela relação imediata de amor entre dois sujeitos que a comunidade intui a primeira unidade imediata do sujeito humano com Deus.

Conclusão

Em conclusão a religião cristã a qual Hegel parece referir-se nas “Lições sobre a Filosofia da Arte”(1823) e nas “Lições sobre a Filosofia da religião”(1821) é a religião da interioridade, isto é, do espírito, a qual, como religião da subjetividade absoluta, aprende o conteúdo espiritual na comunidade dos diversos sujeitos crentes reunidos pela fé numa única natureza humana e divina, revelada por Cristo. Assim, na filosofia da arte em geral o religioso constitui o âmbito principal e unitário no qual se desenvolvem as diversas artes. Em particular, na arte romântica o conteúdo religioso é o cristão; da encarnação de Cristo, da redenção e do amor infinito de Deus. Portanto, existe na arte romântica um momento de conciliação imediata, dado que os conteúdos representados exprimem já em si uma primeira reconciliação, como, por exemplo, o encontro da natureza humana e da natureza divina no Cristo ou ainda a reconciliação na redenção entre a finitude dos pecados humanos e a salvação infinita ou o reconhecimento da parte do homem no amor infinito de Deus, mas tal momento de conciliação imediata na arte romântica não é ainda o saber-se do espírito na autoconsciência indivisa da comunidade realizado na mundanidade. A comunidade religiosa compartilha, por um lado, com a arte romântica a consciência do amor eterno de Deus feito real em Cristo, mas, por outro lado, a comunidade religiosa procederá de outro modo em relação ao conhecimento do divino, pois somente esse, uma vez completado na religião, será ao nível do saber tal conteúdo como universal no espírito.

Referências

Dellbrügger, C. Gemeinschaft Gottes mit dem Menschen. Hegels Theorie des Kultus. Würzburg, 1998.

Hegel. G.W.F. Vorlesungen über die Philosophie der Kunst (1823), hrsg. A. Gethmann-Siefert. Hamburg, 1998.

Hegel. G.W.F. Vorlesungen über die Philosophie der Weltgeschichte (1822-1823), hrsg. K. H. Ilting. Hamburg, 1996.

Hegel. G.W.F. Der Geist der Christentums und sein Schicksal. Hrsg. H. Nohl. Tübingen, 1966.

Hegel. Phänomenologie des Geistes. Hrsg. W. Bonsiepen. Hamburg, Meiner, 1980.

Hegel. G.W.F. Vorlesungen über die Philosophie der religion. Hrsg. W. Jaeschke. Hamburg, Meiner, 1983.

Jaeschke, W. Die Vernunft in der Religion. Studien zur grundlegung der Religionsphilosophie Hegels. Stuttgart, 1986.

THE CONCEPT OF LOVE IN THE HEGELIAN DETERMINATION OF ROMANTIC ART

Abstract

Religion receives in Hegel's system a long and careful consideration. As Hegel himself writes, religion is a moment of people's life and it has its own place in history as instituted thought and practice. Even though religion may not be said to be the last and the greatest moment of Spirit's fulfillment in history (because this can only be achieved by philosophy); Hegel stresses the contribution and the progress of religion over art. Yet, in Hegel's philosophy to go beyond requires the understanding that what is overcome is not to be just left behind and forgotten, but it means to take it as the condition for going ahead and beyond the present moment. The aim here is to think about the relations between art, (in particular the romantic art) and Christian religion by means the concept of love. Romantic art is the sensitive expression of divine love. Different kinds of artistic manifestation allow that such a reality, i.e., the divine love, may be experienced and contemplated.

Keyword: history, immanent, transcendent

Tradução do alemão de Pedro Geraldo Aparecido Novelli, Educação, IB, Unesp - Botucatu